

# SCHERBENPARK DE ALINA BRONSKY: MODOS DE PARTICIPAÇÃO ENTRE VULNERABILIDADE E ESPAÇOS PROTEGIDOS

ALINA BRONSKY'S SCHERBENPARK: MODES OF PARTICIPATION BETWEEN VULNERABILITY AND PROTECTED SPACES

Dionei Mathias<sup>1</sup>

**Resumo:** Alina Bronsky nasceu em 1978 na Rússia. No início da década de noventa, sua família emigra para Alemanha, onde continua vivendo hoje. Em 2008 ela publica seu romance *Scherbenpark* ('Parque dos cacos'), que retrata as experiências de uma jovem imigrante e as dificuldades enfrentadas por ela no processo de construção de identidade. A partir de uma intersecção definida, em grande parte, pela condição de imigrante, a protagonista interage com membros de diferentes esferas sociais, tendo contato com formas diversas de apropriação de realidade. Nesse sentido, este artigo deseja discutir esse percurso de reflexão, abordando as diferentes formas de participação que Sascha encontra no espaço fragilizado que habita na periferia e no espaço protegido com o qual interage ao adentrar outras esferas sociais.

**Palavras-chave:** Alina Bronsky; Scherbenpark; identidade.

**Abstract:** Alina Bronsky was born in 1978, in Russia. In early nineties, her family emigrates to Germany, where Bronsky still lives today. In 2008, she published her novel *Scherbenpark*, which portrays the experiences of a young immigrant and the difficulties she faces in the process of identity construction. From an intersection defined, to a great extent, by the condition of immigrant, the protagonist interacts with members of different social spheres, getting in contact with diverse forms of reality appropriation. In this sense, this article aims to discuss this path of reflection, addressing the different forms of participation that Sascha finds in the fragile space she inhabits on the periphery and in the protected space with which she interacts when entering other social spheres.

**Keywords:** Alina Bronsky; Scherbenpark; Identity.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universität Hamburg – Alemanha. Professor da Universidade Federal de Santa Maria – Brasil. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-8415-1460>. E-mail: [dioneimathias@gmail.com](mailto:dioneimathias@gmail.com).

## 1. INTRODUÇÃO

Alina Bronsky nasceu em 1978 na Rússia, de onde sua família emigra em direção à Alemanha, no início da década de noventa. Em 2008, ela publica seu primeiro romance, escrito em alemão e com o título de *Scherbenpark* ('Parque dos cacos'), um sucesso editorial (WILLMS, 2013, p. 75), que retrata a história da jovem Sascha, imigrante russa, de dezessete anos. O romance encena as dificuldades de adaptação ao novo contexto sociocultural, com suas dinâmicas de poder e exclusão, mas também reflete sobre a vulnerabilidade social em que as personagens se encontram. Essa vulnerabilidade se revela na escassez de recursos econômicos disponíveis à família e também na violência que permeia todas suas experiências. O ponto de partida do enredo é uma notícia no jornal sobre o assassino da mãe da protagonista. O texto, em grande parte, retrata como Sascha lida com essa situação traumática e como ela se posiciona diante das diferentes modalidades de interação, com as quais é confrontada em seu cotidiano, na periferia de uma cidade alemã. O título é uma metáfora para sua própria condição, na medida em que os cacos parecem simbolizar sua condição identitária.

O romance de Bronsky se insere num conjunto de obras dedicadas a encenar experiências atreladas a fluxos migratórios e formas de assentamento em outros espaços culturais. Assim, ela compartilha seu interesse pela condição de imigrante e sua concretização existencial com autores como por exemplo Faïza Guène, na França, Oscar Hijuelos, nos Estados Unidos, ou Hanif Kureishi, na Inglaterra, mas também com outros autores de origem russa que se assentam na Alemanha (LUSCHINA, 2013). Em diferentes graus de intensidade, esses textos debatem formas de fragilização social e adumbram a realidade dos espaços periféricos em centros hegemônicos. Um interesse compartilhado parece residir nos processos de construção de identidade e nas diferentes formas de apropriação de realidade que caracteriza os personagens. Isso

também ocorre no romance de Bronsky que justapõe diferentes formas de transitar no espaço social, a partir da sua protagonista migrante.

O trânsito, num determinado espaço social, está condicionado, de forma substancial, ao posicionamento que o respectivo ator social ocupa na cartografia do espaço de sua concretização existencial. Isso começa pelas diferentes intersecções que vão definir o escopo de agência prevista para cada um dos pertencimentos (CRENSHAW, 1989; CARBADO *et alia*, 2013). As intersecções já estabelecem, em grande parte, os agrupamentos dos quais cada indivíduo pode participar, seguindo a prática dominante no contexto em que vai negociar sua narrativa de identidade. Nisso, há duas dinâmicas: por um lado um vetor de pertencimento que se estabelece a partir das necessidades e inquietações do indivíduo; por outro lado, surge o princípio da categorização, em que diferentes atores sociais são alocados a determinados espaços, independentemente de sua vontade (SETTLES/BUCHANAN, 2014, p. 161). No momento em que o sujeito não concorda com as categorias que lhe são alocadas, tem início um processo conflituoso de revisão.

O pertencimento a um determinado grupo contém um movimento de internalização de um conjunto de regras e formas de ser no mundo que Bourdieu chama de habitus (REHBEIN, 2016, p. 84). Nisso, as formas de comportamento e os princípios acionais se coadunam com um pertencimento de grupo, sem grande investimento reflexivo. Isto é, no processo de socialização o indivíduo internaliza um conjunto de expectativas, de modo que o corpo as executa sem grande necessidade de investimento de energia afetivo- intelectual a fim de produzir uma determinada sequência de ações.

O trânsito entre grupos começa a despertar processos reflexivos, especialmente quando o pertencimento é negado e quando o indivíduo começa a identificar diferenças que impactam em suas formas de participação. A partir desse atrito entre visões de mundo, podem ser desencadeados processos

reflexivos (ADAMS, 2006) que suscitam novas percepções. Essas percepções, por sua vez, podem ter como foco o próprio lugar no mundo, incitando o sujeito a avaliar de que forma ele se encontra posicionado nas coordenadas da respectiva sociedade, como esse posicionamento afeta as chances de concretização dos objetivos aos quais confere importância e de que modo a estrutura social dificulta sua participação ativa nesse espaço. Ao mesmo tempo, pode dirigir sua atenção a outros grupos, muitas vezes ao grupo dominante, a fim de investigar como esse grupo se comporta nas interações no cotidiano.

O encontro entre integrantes de grupos, portanto, detém um potencial instigante para problematizar como malhas sociais se estabelecem, definindo visões de mundo e atitudes diante daquilo que se expõe nessa realidade. Nesse movimento, ocorre uma série de adaptações e revisões identitárias (BAUMEISTER/MURAVEN, 1996). Essas adaptações, contudo, têm como base o posicionamento do respectivo indivíduo. Dependendo de sua localização na escala de poder, sua motivação para adaptação será de maior ou menor grau, tendo em vista suas necessidades de pertencimento e participação.

O que caracteriza grupos marginalizados talvez possa ser identificado justamente na limitação do escopo de pertencimento e participação, suscitando um maior grau de reflexão, especialmente diante de obstáculos que dificultam a construção de uma narrativa identitária satisfatória. Grupos dominantes, por sua vez, tendem a se encontrar num espaço caracterizado por agência e poder de categorização, estabelecendo em grande medida as regras que definem as formas de participar. Nesse contexto, o grau de reflexão sobre vulnerabilidade social tem um menor impacto, já que o grupo dominante raramente se insere nessa realidade.

No romance de Bronsky talvez seja possível falar de dois grupos: por um lado, a família que vive no espaço periférico, socialmente fragilizado, tentando internalizar as práticas do grupo dominante. Por outro lado, as personagens que

pertencem ao grupo socializado no país, que domina as regras e que participa da sociedade a partir de um posicionamento avantajado, já que tem conhecimento das práticas comportamentais. Nesse bojo, Bronsky parece simular duas realidades: a realidade protegida do grupo dominante que desconhece as adversidades do espaço periférico e a realidade da família de imigrantes, atravessada por dificuldades. A protagonista Sascha transita entre esses dois universos, o que a faz refletir sobre seu posicionamento nessa sociedade, despertando um senso crítico que treina seu olhar. Seu processo de apropriação de realidade começa a enxergar as diferenças que caracterizam esses dois espaços, suscitando adaptações, mas também produzindo resistências. Nesse sentido, este artigo deseja discutir esses dois grupos e problematizar de que forma a protagonista se posiciona nas malhas sociais tecidas por cada agrupamento.

## **2. POSICIONAMENTOS NO MARCO DA FRAGILIZAÇÃO**

Filha de imigrantes russos, a protagonista Sascha vive na periferia de um centro urbano, pertencendo a uma classe social sem muitos recursos econômicos. É a partir dessa coordenada geográfica e interseccional que ela se apropria do mundo e cria sentidos, adaptando-se ao meio em que transita. Ao contrário de muitos outros jovens, com uma história de imigração parecida à sua e que compartilham esse espaço, Sascha se destaca por sua capacidade de discernimento e perseverança. Esse capital intelectual se revela como o mais precioso, pois lhe permite deixar a circunferência inicial de sua socialização para participar de outras esferas sociais. Ao mesmo tempo, sua capacidade de discernimento lhe permite refletir sobre esse espaço inicial e identificar o alcance de sua vulnerabilidade social. Dessa perspectiva, a protagonista enxerga com muita perspicácia, por exemplo, o prédio em que vive, analisando seu papel em sua narrativa identitária:

No solitário. Eu sempre me agarrei a esse apartamento. Mas eu não consigo mais. Eu quero sair daqui. Talvez para o centro, de qualquer forma, eu preciso terminar os estudos. Eu odeio o solitário. Eu odeio essas pessoas. Eu não tenho culpa por isso e eles ainda menos. Todos uns pobres coitados. E ficam cada vez mais pobres. Eu os provoço e eles deixam passar e me odeiam secretamente. Eu odeio esse fedor aqui e a roupa nas sacadas e as antenas parabólicas... (BRONSKY, 2019, p. 199)<sup>2</sup>.

O prédio que ela chama de “solitário”, de certa forma, representa sua própria condição, pois também Sascha experimenta um alto grau de solidão e isolamento, tendo que processar sozinha os desafios complexos. A despeito da vulnerabilidade que caracteriza esse espaço, ele representa o porto seguro ao qual ela se dirige a fim de reaver segurança, conferindo a ele por muito tempo um lugar de destaque em sua malha pessoal de produção de sentidos.

No momento dessa reflexão na realidade diegética, a protagonista constata uma mudança em que o prédio deixa de fornecer a sensação de pertencimento para revelar dissonâncias, despertando um desejo premente de abandoná-lo e se instalar num espaço caracterizado por maior consonância com as formas de pertencimento do grupo dominante. Com base nessa nova atitude, ela experimenta um conjunto de sensações pautadas pelo ódio e pela rejeição cabal desse espaço. O que desperta essa atitude tem sua origem na configuração socioeconômica do prédio, revelada pelos hábitos e pelas formas de consumo. Ao passo que ela entende a fragilização social dos outros moradores, ela também experimenta a ausência de qualquer forma de identificação, o que suscita o despertamento e a necessidade de revisão de sua narrativa identitária.

---

<sup>2</sup> “Im Solitär. Ich habe mich immer an diese Wohnung geklammert. Aber ich kann nicht mehr. Ich will hier raus. Vielleicht in die Innenstadt, ich muss ja hier die Schule fertig machen. Ich hasse den Solitär. Ich hasse diese Leute. Ich kann nichts dafür, und sie können noch weniger dafür. Alles arme Schweine. Und sie werden immer ärmer. Ich provoziere sie, und sie lassen sich das gefallen und hassen mich insgeheim. Ich hasse diesen Gestank hier und die Wäsche auf den Balkonen und die Satellitenschüsseln...” (BRONSKY, 2019, p. 199). Traduções são do autor deste artigo.

O reconhecimento desse cenário de vulnerabilidade social também se revela em um episódio, no qual a protagonista se propõe a ajudar uma vizinha, da mesma faixa etária. Enquanto sua interlocutora está mais preocupada com uma possível gravidez, Sascha tem como foco auxiliá-la com afazeres da escola:

Como assim – preparar?, ela perguntou. Nós falamos russo uma com a outra, mas o dela é quase tão ruim quanto seu alemão. De qualquer jeito, eu acho esquisito em que algarviada as pessoas aqui às vezes irrefletidamente falam. Bom, a língua nova eles não conseguem aprender – mas como eles conseguem esquecer a antiga? (BRONSKY, 2019, p. 208)<sup>3</sup>.

Em comparação à jovem a quem dedica seu esforço, Sascha mostra um alto grau de reflexividade sobre como os diferentes capitais intelectuais impactam nas formas de participação da sociedade em que vivem. Assim, ela reconhece o papel primordial do conhecimento linguístico como chave não só para o acesso ao capital intelectual, mas também para o trânsito em diferentes esferas que compõem esse espaço. Com espanto, ela identifica que sua vizinha não domina nem a língua do país de acolhimento, nem a língua de origem de sua família. A fragilização é dupla, pois intensifica os potenciais de despertencimento. Ao mesmo tempo, revela como os atores sociais que habitam o espaço periférico estão completamente abandonados por iniciativas públicas que tenham como meta inserir ou preparar esses membros para as exigências que aquele espaço social impõe.

A reação da vizinha à sugestão de Sascha de se preparar para as demandas da instituição escolar também revela a ausência de habilidades necessárias para obter os conhecimentos que permitiriam sua integração. Nesse sentido, ela reage com surpresa diante da sugestão de preparar-se, pois, ao contrário de Sascha, que transita em outros círculos e consegue enxergar as

<sup>3</sup> “Wie – vorbereiten?, hat sie gefragt. Wie sprechen Russisch miteinander, aber ihres ist fast so schlecht wie ihr Deutsch. Ich finde es eh merkwürdig, in welchem Kauderwelsch die Leute hier manchmal daherreden. Na gut, die neue Sprache können sie nicht lernen – aber wie schaffen sie es, auch noch die alte zu vergessen?” (BRONSKY, 2019, p. 208).

diferenças, a vizinha não identifica a vantagem do preparo ou mesmo do êxito escolar. Embora habitem o mesmo espaço e embora se encontrem na mesma situação vulnerável, Sascha passou a internalizar um outro conjunto de atitudes e perspectivas que a aproximam dos valores vigentes no grupo dominante. Essa transformação também causa um deslocamento no modo como ela imagina seu percurso identitário, traçando-o não nos moldes previstos para isso no agrupamento periférico em que se encontra, mas já alinhado aos modelos adotados por aqueles que pertencem ao grupo majoritário dessa sociedade.

Todo esse contexto sociocultural e espacial em que a protagonista está inserida ainda tem um outro elemento que o caracteriza e que tem um impacto substancial em sua forma de se posicionar no mundo. Ele se mostra em diferentes formas de violência. Com efeito, um fio condutor do romance é o assassinato da mãe pelo padrasto, presenciado pela protagonista. Ao mesmo tempo que permanece o trauma decorrente dessa experiência, juntam-se a ela outras formas de violência com impacto similar no modo como ela se posiciona. Um exemplo disso é a violência sexual do padrasto quando ainda vivia na mesma casa:

E você nunca descobrirá por que eu sempre saí do meu quarto completamente vestida, nunca em pijama ou roupão, por que eu sempre tranco minha porta à noite, por que eu só comecei a usar mangas curtas e coisas mais decotadas a partir desse verão. Você sempre me chamou de ‘puritana’, também de ‘avessa ao corpo’, você aceitou como se fosse meu jeito, eu nunca sugeri que poderia ser outra coisa por trás disso. Eu pensei que te magoaria, que você não suportaria, que poderia desmoronar por causa do horror e do sentimento de culpa (BRONSKY, 2019, p. 55)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup>“Und du wirst nie erfahren, warum ich jahrelang immer nur vollständig angezogen mein Zimmer verlassen habe, niemals im Schlafanzug oder Bademantel, warum ich nachts immer meine Tür abschließe, warum ich erst seit diesem Sommer kurze Ärmel trage und Sachen, die auch etwas weiter ausgeschnitten sind. Du hast mich immer ‚zugeknöpft‘ genannt, auch mal ‚körperfeindlich‘, du hast es als meine Eigenart akzeptiert, ich habe niemals angedeutet, dass etwas anderes dahinterstecken könnte. Ich dachte, dass es dir wehtun würde, dass du das nicht verkraften würdest, dass du an Entsetzen und Schuldgefühlen zerbrechen könntest“ (BRONSKY, 2019, p. 55).

A fim de proteger a mãe e evitar que seja confrontada com uma realidade que está completamente em dissonância com a imagem que ela constrói de seu relacionamento, a filha omite o que ocorre dentro da própria casa. O assédio do padrasto desencadeia uma série de comportamentos e atitudes na protagonista, produzindo uma administração do próprio corpo, com a finalidade de evitar a irrupção da violência física por parte dele. Com isso, sua liberdade de expressão não fica limitada somente por conta do contexto espacial em que se encontra, ela também é tolhida dentro do espaço privado, suscitando a internalização desse obstáculo causado por outro e conseqüentemente produzindo uma encenação do si que é problemática, pois não está em consonância com os anseios da protagonista.

A despeito do alto grau de tensão que isso traz consigo, a protagonista ainda assim consegue diferenciar e refletir sobre o que está ocorrendo. Primeiramente, ela mostra um entendimento sutil da configuração afetiva da própria figura materna, de modo que antecipa sua reação e procura adaptar suas ações para evitar o conflito que isso causaria à mãe. Ao mesmo tempo, ela também tem consciência do próprio corpo. Ela adapta sua indumentária, a fim de diminuir os riscos de violência, mas isso ocorre a partir de um processo de reflexão que lhe possibilita entender os motivos dessa tomada de decisão.

Assim que o padrasto se encontra preso, ela muda suas práticas de expressão, investindo em uma semiótica mais próxima de sua imagem de si. Vale lembrar que essa habilidade de refletir e diferenciar de forma consciente sobre seu ser no mundo não é algo dado, natural e imediato. Pelo contrário, trata-se de um capital extremamente importante que essa personagem migrante adquire por conta de suas habilidades intelectuais, mas também por seu trânsito entre diferentes práticas sociais que treinam seu olhar e lhe ensinam a diferenciar.

Essa capacidade de reflexão e diferenciação entre atitudes de diferentes grupos sociais também funciona como proteção, no seu encontro com o jovem neonazista. Este se envolve com Sascha, pois num primeiro momento não percebe sua origem estrangeira, assumindo portanto um pertencimento comum. Sascha, por sua vez, começa a se dar conta dessa atitude internalizada, incitando-o a revelar sua visão de mundo e sua atitude frente a outras origens:

Só queria dizer que agora só tem esse lixo estrangeiro.

Sim, infelizmente, diz ele sombrio. A gente sufoca nisso.

Quem – nós?

Nós alemães naturalmente. Você e eu. A gente está perdendo tudo – nossa economia, nossa língua, nossos genes.

Exato. Em vinte anos, a gente não vai mais existir (BRONSKY, 2019, p. 227)<sup>5</sup>.

O jogo de perguntas e respostas que Sascha adota para fazê-lo evidenciar suas intenções se utiliza da encenação de ingenuidade. Ao mesmo tempo, ela adota uma perspectiva que não é sua para fazê-lo acreditar que compartilham da mesma interpretação de realidade. A visão de mundo que ele traz a lume obviamente não prevê que atores sociais oriundos do contexto de fluxos migratórios participem desse espaço social. Dada a capacidade de reflexão e diferenciação de Sascha, ela não se torna vítima dessa violência verbal, pois ela domina os instrumentos necessários para se defender e afirmar seu lugar no mundo. Embora consiga repelir o impacto da xenofobia, essa experiência contribui para a intensificação de sua vulnerabilidade, pois ela identifica como se torna alvo de hostilidade, por conta de sua origem.

---

<sup>5</sup> “Ich will ja nur sagen, es gibt doch inzwischen nur noch ausländischen Schrott.

Ja, leider, sagt er betrübt. Wir ersticken darin.

Wer – wir?

Wie Deutschen natürlich. Du und ich. Wir verlieren alles – unsere Wirtschaft, unsere Sprache, unsere Gene.

Genau. In zwanzig Jahren gibt es uns nicht mehr“ (BRONSKY, 2019, p. 227).

### 3. POSICIONAMENTOS NO MARCO DA PROTEÇÃO

O ponto de partida da protagonista é um espaço social vulnerável, fragilizado por fatores diversos que intensificam a limitação de chances de participação e aumentam a precariedade estrutural a partir da qual constrói sua narrativa de identidade. Como dito anteriormente, ao contrário de outras personagens oriundas do contexto de fluxos migratórios que habitam a realidade diegética desse romance, Sascha transita em outros círculos, o que estimula um aguçamento da reflexão sobre sua condição. Esse trânsito também evidencia esse outro mundo, com suas realidades e visões de mundo. Em grande parte, trata-se de uma percepção da realidade muito distante das vulnerabilidades que afligem a Sascha e sua família.

Esse mundo protegido se revela, por exemplo, no espaço escolar, onde Sascha encontra uma realidade completamente diferente da sua:

Nesse meio tempo, eu penso que esses na escola me aceitaram para exercitar um pouquinho de integração. Muitos médicos, advogados e arquitetos receberam uma recusa para seus filhos. No fim, havia quatro turmas de quinta série completamente cheias e na minha 5<sup>a</sup>c eu era a única com 'histórico de migração'. Na 5<sup>a</sup>a havia um menino cujo pai era americano e na 5<sup>a</sup>b um com uma mãe francesa. Na escola toda, eu não vi um negro e tampouco alguém que minimamente se parecesse árabe. Comigo, minha turma foi, portanto, a mais atingida (BRONSKY, 2019, p. 14)<sup>6</sup>.

O contexto social da escola claramente remete a uma esfera social economicamente favorecida, com famílias que apresentam um capital substancial não só financeiro, mas também social e cultural, de modo a poder apoiar os filhos amplamente e assim propiciar um maior êxito no percurso

<sup>6</sup> "Ich denke inzwischen, die an der Schule haben mich genommen, um ein bisschen Integration zu proben. Viele Ärzte, Anwälte und Architekten haben nämlich für ihre Kinder Absagen bekommen. Am Ende gab es vier proppevolle fünfte Klassen, und in meiner 5c war ich die Einzige ‚Migrationshintergrund‘. In der 5a gab es einen Jungen, dessen Vater Amerikaner war, und in der 5b einen mit einer französischen Mutter. In der ganzen Schule habe ich keinen Schwarzen gesehen und auch niemanden, der annähernd arabisch aussah. Meine Klasse hatte es also mit mir am heftigsten erwischt" (BRONSKY, 2019, p. 14).

entre formação e mercado de trabalho. Embora haja outras crianças com um histórico de migração, nenhum outro percurso se compara a seu no que diz respeito ao grau de vulnerabilidade social. Com efeito, as outras crianças têm pais cuja origem remonta a países com uma estrutura semelhante ao que encontram no novo espaço. Sascha identifica essa diferença, tendo em vista também as hierarquias da origem que têm um papel central na dinâmica de aceitação em novos espaços.

Nessa esteira, o comentário irônico ao final da passagem ilustra o escopo de consciência que a protagonista alcança. Primeiramente, ela identifica o problema de origem e sua inserção na nova sociedade. Num segundo passo, ela se dá conta que o lugar de origem impacta no modo como a imagem é construída, criando escalas de aceitação. Num terceiro movimento, ela se situa nessa escala, identificando sua desvantagem. Por fim, ela não aceita simplesmente esse modelo de hierarquização, pelo contrário, sua ironia mostra consciência da arbitrariedade e sua ironia indica resistência. Com isso, ela adentra esse espaço social protegido e se posiciona criticamente em relação a suas dinâmicas de pertencimento e categorização.

Esse espaço protegido também se revela ao visitar a casa de colegas da escola. Ao adentrar esse espaço privado, Sascha imediatamente percebe o abismo que separa essas duas realidades, não só no que diz respeito ao espaço físico e à ordem, mas sobretudo também em relação à estabilidade emocional inerente a toda uma estrutura social que permite outros caminhos de concretização identitária e de acesso a chances para poder participar da sociedade. É possível vislumbrar o modo como Sascha enxerga esse cruzamento entre duas realidades, a partir de uma conversa com a mãe de uma colega de escola:

Eu contei que minha mãe estudou História da Arte e que, em casa, se apresentava num grupo de teatro que continuamente era proibido e que ela queria procurar um pequeno teatro aqui para participar. A mãe de Melanie engoliu e passou à pergunta se a vida no nosso

prédio não era perigosa demais. Eu disse que era bem mais limpo e confortável que a casa em que moramos no lado de lá. Para a Rússia eu sempre dizia “no lado de lá” (BRONSKY, 2019, p. 16)<sup>7</sup>.

O movimento inicial de Sascha é fornecer uma narrativa que aumente sua chance de aceitabilidade nesse espaço, atrelando a história de sua família a um capital cultural próximo àquele esperado na esfera em que se encontra. Sascha consegue vislumbrar essas expectativas, isto é, ela participa dessa interação consciente das dinâmicas inerentes à administração de narrativas. Assim, ela identifica como a mãe da colega processa as informações que ela fornece e também percebe onde reside sua preocupação. Com efeito, a mãe também percebe a diferença estrutural entre o próprio espaço e aquele em que reside a amiga da filha. Ela identifica o grau de violência e de precariedade atrelado a esse espaço, mas a ingenuidade de suas perguntas não mostra preocupação real com o mundo de Sascha. Sua inquietação reside muito mais no potencial de irrupção dessa realidade em seu universo protegido. Antecipando as diferentes expectativas, Sascha tampouco fala diretamente de Rússia como origem, preferindo parafrasear a fim de evitar um elo explícito em demasia. Todas essas estratégias mostram como ela transita nas duas realidades, com suas narrativas específicas, compreendendo como sentidos são formados e administrados nesses espaços.

A incapacidade de vislumbrar as dimensões complexas da realidade social, no além do mundo protegido, por parte da mãe de sua colega escolar, também caracteriza a jornalista que publica um artigo sobre o assassino da mãe de Sascha, construindo uma narrativa que romantiza aquele que foi responsável

---

<sup>7</sup> “Ich erzählte, dass meine Mutter Kunstgeschichte studiert hatte und zu Hause in einer Theatergruppe aufgetreten war, die immer wieder verboten wurde, und dass sie sich hier auch ein kleines Theater zum Mitspielen suchen wollte. Melanies Mutter schluckte und ging zur Frage über, ob das Leben in unserem Hochhaus nicht zu gefährlich sei. Ich sagte, dass es viel sauberer und gemütlicher ist als das Haus, in dem ich drüben gewohnt hatte. Zu Russland sagte ich immer „drüben“ (BRONSKY, 2019, p. 16).

pela perpetração de diversas formas de violência no seio da família. Também aqui se chocam duas realidades completamente distintas:

Susanne Mahler parece tocada. Ela viu os desenhos de Vadim, ele tentou captar o rosto extraordinariamente belo de sua esposa. De sua ex-esposa para ser exato. Que ele infelizmente matou, isso ele talvez não deveria ter feito.

‘Os desenhos não são profissionais, mas expressivos’, anota Susanne Mahler.

E em mim tudo treme de raiva impotente (BRONSKY, 2019, p. 62-63)<sup>8</sup>.

O universo da jornalista Susanne Mahler gira em torno do êxito profissional. Para isso, ela precisa de uma boa matéria, a fim de garantir um número substancial de leitores. Ao romantizar o assassino da mãe de Sascha, ela não vislumbra o impacto que isso pode ter na família da vítima. Do seu lugar protegido, seu esforço reside em construir um percurso profissional, a fim de participar de todas as benesses que a sociedade em sua volta tem a oferecer. Esse raciocínio não chega até a periferia, onde se constrói o mundo da família de imigrantes e não alcança o pacto tácito de solidariedade que vale para os membros do mesmo grupo.

Sascha identifica essa inabilidade de vislumbrar a outra realidade e oferece resistência. Essa resistência começa com sua ida ao prédio do jornal para formalizar seu desacordo com a publicação da matéria, adentrando, portanto, um espaço em que valem outras regras e narrativas sociais. Embora ela vacile e teme não saber comportar-se adequadamente dentro dessa configuração discursiva, ela não se esquivava e enfrenta seu medo. Sua resistência se estende também ao uso da ironia. Ao usar essa estratégia, ela desmascara primeiramente a parcialidade e insensibilidade da jornalista, mas também

<sup>8</sup> “Susanne Mahler scheint gerührt. Sie hat sich Vadims Zeichnungen angeguckt, er hat versucht, das überirdisch schöne Antlitz seiner Frau festzuhalten. Seiner Ex-Frau, um genau zu sein. Die er leider umgebracht hat, das hätte er vielleicht besser nicht tun sollen. ‚Die Zeichnungen sind nicht professionell, aber ausdrucksstark‘, notiert Susanne Mahler. Und in mir zittert alles vor hilfloser Wut“ (BRONSKY, 2019, p. 62-63).

indica a incongruência entre o assassinato brutal com seus impactos na família da vítima, por um lado, e a produção de uma imagem romantizada, para potencializar a comercialização do jornal, por outro. No lugar de permanecer num comportamento passivo, ela se posiciona diante das diferentes práticas discursivas, consciente de suas contradições.

Em determinada passagem, a protagonista constata que se tivesse crescido na Alemanha, suas chances e suas atitudes teriam sido outras (BRONSKY, 2019, p. 41). Essa passagem é especialmente reveladora, pois mostra que a protagonista compreende que o acúmulo de conhecimentos internalizados ao longo de um percurso existencial impacta no modo como ela se posiciona no mundo. Diante da ausência desses conhecimentos que não são passíveis de aquisição no processo de formação institucional, as chances de participação são outras, em grande parte, desvantajosas. Sascha, contudo, tem consciência dessas dinâmicas, refletindo sobre como espaços protegidos mudam a forma como atores sociais se apropriam da realidade e se posicionam nela.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance de Bronsky encena a intersecção de uma jovem imigrante russa na Alemanha. Situada num espaço periférico e economicamente fragilizado, a protagonista Sascha empreende um percurso de reflexão que a faz enxergar seu posicionamento vulnerável em oposição aos espaços protegidos de outros atores sociais com os quais interage. Nesse percurso, ela identifica como comportamento e atitudes internalizados caracterizam diferentes grupos e definem suas chances de participação no espaço social em que buscam construir suas identidades.

Assim, ela identifica o grau de fragilização e as dimensões de sentido inerentes ao prédio que habita e sua deterioração, à condição de imigrante e sua

precariedade linguística, ao espaço familiar e a violência, ao contexto social e a xenofobia. Ao mesmo tempo que Sascha analisa a vulnerabilidade do espaço de origem, ela também passa a observar os espaços protegidos da escola que frequenta, do espaço privado e os hábitos de colegas da escola, da jornalista e sua atitude no contexto profissional, do país e sua distribuição de chances. Nesse percurso, ela reflete sobre modos de participação entre vulnerabilidade e proteção, procurando por adaptações e posicionamentos que lhe permitam construir uma narrativa própria, a despeito das inúmeras adversidades.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Matthew. Hybridizing Habitus and Reflexivity: Towards an Understanding of Contemporary Identity? *Sociology*, v. 40, n. 3, p. 511–528, 2006.

BAUMEISTER, Roy F.; MURAVEN, Mark. Identity as adaptation to social, cultural, and historical context. *Journal of Adolescence*, v. 19, p. 405–416, 1996.

BRONSKY, Alina. *Scherberpark*. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 2019.

CARBADO, Devon W.; CRENSHAW, Kimberlé Williams; MAYS, Vickie M.; TOMLINSON, Barbara. Intersectionality: Mapping the Movements of a Theory. *Du Bois Rev*, v. 10, n. 2, p. 303-312, 2013.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine. *University of Chicago Legal Forum*, p. 139-168, 1989.

LUSCHINA, Nadja. Die neuen deutschen Russinnen: Generationsgeschichten von Alina Bronsky, Olga Grjasnowa, Nino Haratischwili und anderen. *andererseits*, v. 3, n. 1, 2013, p. 245-254.

SETTLES, Isis H.; BUCHANAN, Nicole T. Multiple Groups, Multiple Identities, and Intersectionality. In: BENET-MARTÍNEZ, Verónica; HONG, Ying-yi (eds.). *The Oxford Handbook of Multicultural Identity*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 160-180.

WILLMS, Weertje. Die ‚Newcomerin‘ Alina Bronsky im Kontext der russisch-deutschen Gegenwartsliteratur und ihre Rezeption im deutschen Feuilleton. *Studien zur Deutschen Sprache und Literatur*, v. 1, 2013, p. 65-84.

Recebido em 24/05/2022.

Aceito em 12/08/2022.